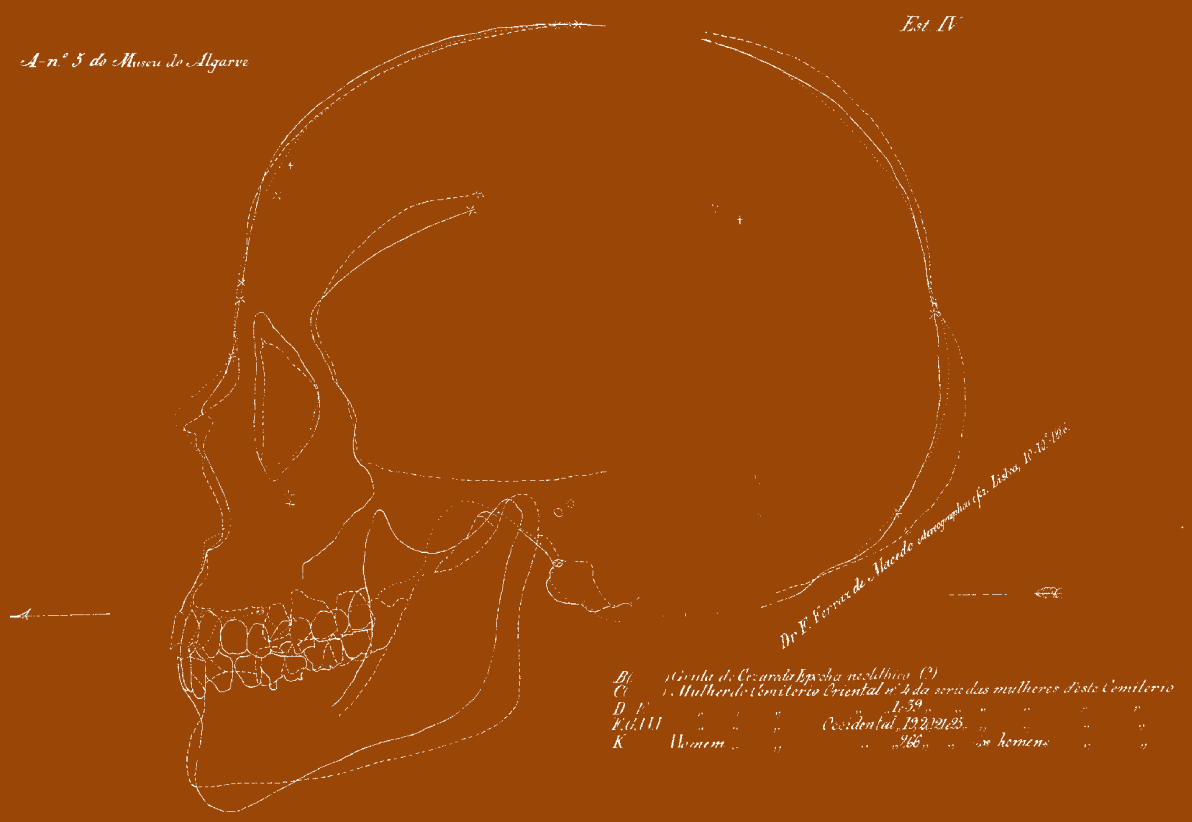

.XIII

Estácio da Veiga e os primórdios da Antropologia Física

Ana Luísa Santos*

Resumo

Após o reconhecimento da existência de fósseis humanos nas primeiras décadas do século XIX, com diversos achados no continente Europeu, em Portugal começavam, também, os estudos antropológicos com a discussão da antiguidade humana e da ocupação pré-histórica em território nacional. Na época dominavam as análises craniométricas, com grande influência da escola francesa, designadamente sobre a morfologia das "raças" humanas. Este é o enquadramento teórico para a investigação em *paleoethnologia* de Estácio da Veiga que usufruiu da colaboração do médico Francisco Ferraz de Macedo, pioneiro da antropologia portuguesa. O trabalho de Estácio da Veiga retrata o conhecimento nos primórdios da antropologia física complementado com a sua visão crítica e interdisciplinar. Não esgotando os temas antropológicos retratados pelo investigador, o presente trabalho representa um subsídio para a interpretação dos habitantes das *Antiguidades Monumentaes do Algarve*.

Abstract

After the recognition of human fossils in the first decades of the 19th century, with several discoveries in Europe, Portugal also started the discussion about human antiquity and prehistoric occupation of the Portuguese territory. At that time prevailed the craniometric analysis mainly related to "races" morphology, with a great influence of the French school. This was the theoretical background of Estácio da Veiga research on paleoethnology. In the study of the human skulls recovered during the elaboration of the archaeological map of the Algarve, Estácio da Veiga counted with the collaboration of Ferraz de Macedo. The work of Estácio da Veiga portraits the knowledge at the beginnings of physical anthropology complemented by his strong critical and interdisciplinary vision.

* Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra, 3000-056 Coimbra

1. Preâmbulo

Cruzar o *percurso* antropológico de Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga (1828-1891), plasmado em *Antiguidades Monumentaes do Algarve: tempos prehistoricos* (Veiga, 1886; 1887, 1890, 1891) é o desiderato deste trabalho. Esta obra começa por impressionar pela escrita do autor, mas também pela objectividade, pela qualidade da impressão, de que são exemplo as belíssimas estampas, e, essencialmente, pela extensíssima bibliografia consultada acerca de estudos efectuados nos quatro cantos do mundo.

Estácio da Veiga (1886: 52) deu ênfase de questão nacional e de igualdade com outras nações à urgência da pesquisa arqueológica, e antropológica, no país. Por conseguinte, este empreendimento não resultou unicamente no levantamento da carta arqueológica do Algarve, de que foi incumbido pelo Governo, em 1877 (Veiga, 1886: 296; Cardoso e Gradim, 2004: 70) mas, igualmente, em reflexões teóricas. A volumosa produção abarca temáticas diversas que confluem para o entendimento da *paleoethnologia*, aglutinada pelo investigador, rodeado por uma pequena equipa de colaboradores, numa missão de tendência interdisciplinar.

No caso específico da Antropologia, é assombrosa a produção científica e a sua rápida circulação no alvor da disciplina. Estácio da Veiga lê criticamente o que se produz, questionando opiniões de investigadores, portugueses e estrangeiros, veneradas por muitos. Como será relatado mais adiante, em vários aspectos, a ponderação do Engenheiro de Minas foi mais harmoniosa com os desenvolvimentos científicos do século XX, do que a de muitos médicos e anatomistas, antropólogos, seus contemporâneos. Entre os caminhos possíveis de trilhar, no âmbito da antropologia, a opção neste trabalho, certamente discutível, foi a de abordar o contexto do debate acerca da antiguidade dos povos, da craniometria e das práticas funerárias, o que não passa de um bosquejo sobre a vasta e interessante obra de Estácio da Veiga.

2. Em busca da antiguidade

Para contextualizar sumariamente os prodigiosos avanços no conhecimento da época recorde-se que Charles Darwin (1809-1882) publicou em 1859 *A origem das espécies* e em 1871 *The descent of man*, obra esta em que o autor assume, igualmente, o processo evolutivo humano (Vieira, 1995). Chegados ao século XXI, entre muitos outros, o puzzle da humanidade encontra-se inacabado. Concomitantemente, persiste a resistência à aceitação de fósseis como formas de vida passadas. O ensino da evolução foi proibido em finais do século XX em escolas dos Estados Unidos da América, portanto, não nos devemos surpreender com as rejeições oitocentistas baseadas em interpretações bíblicas e em explicações sobrenaturais.

No século do positivismo, é reconhecida a existência de fósseis humanos no continente Europeu, traçam-se, em síntese, alguns dos achados primordiais. Em 1831, numa gruta perto de Liége, "craneos e outros ossos humanos, associados aos dos grandes mamíferos extinctos, pertencentes á fauna antediluviana" foram identificados por Schmerling (Veiga, 1886: 43; 49) um percursor, no contexto científico da época. A coexistência de seres humanos e de faunas extintas começa a ser aceite pelos investigadores e a emergência da nossa espécie é colocada em balizas cronológicas anteriormente impensáveis. Sobre estes achados, Estácio da Veiga lamenta não ter conseguido explorar todas as cavernas do Algarve (Veiga, 1886: 38; 47; 48).

O arqueólogo francês Jacques Boucher de Perthes iniciou, em 1837, o estudo de sílex talhado que acompanhava fauna antiga (Susanne, 1984) advogando, contra os Criacionistas, que os fabricantes daqueles instrumentos eram anteriores ao Dilúvio descrito no *Génesis* (Santos, 2005). Teve, no entanto, de esperar até 1860 para que os seus trabalhos fossem reconhecidos (Susanne, 1984) por investigadores como Charles Lyell (Santos, 2005). Na segunda metade do século XIX os achados consolidavam-se. O indivíduo patológico

resgatado em 1828 do Vale de Neander, na Alemanha, foi analisado em 1856 (Rebeyrol, 1988). Em 1860 Edouard Lartet descobre a arte rupestre de Aurignac e, em 1868, foi encontrado o "homem de Cro-Magnon". Veiga (1886: 112) refere-se a Aurignac e ao Cro-Magnon como a "raça mais antiga".

O numeroso espólio de Spy, na Bélgica, surge em 1869, acompanhado de utensílios de sílex e de fauna fóssil. Gibraltar registou o primeiro achado em 1848, embora só tenha sido descrito em 1864. Espanha revela em 1887 a mandíbula de Bañolas (*in* Santos, 1995). A aparente hegemonia europeia é quebrada por uma calote craniana, fémur e dentes encontrados nas margens do rio Solo, na ilha de Java, recuperados pelo médico militar holandês Eugéne Dubois (Susanne, 1984), no ano da morte de Estácio da Veiga.

Os parágrafos anteriores sumariam a catadupa de dados que caracterizam o desenvolvimento dos estudos paleoantropológicos. No contexto nacional, em 1863, Carlos Ribeiro inicia o estudo dos concheiros (*Kjökkenmöddinger*) de Muge, identificando esqueletos humanos, fauna e utensílios que permitiram averiguar o modo de vida destas populações (*in* Umbelino, 2006). Três anos depois são descritas por Nery Delgado as grutas da Cesareda (*in* Rocha, 1995).

A actividade destes investigadores é enaltecida por Vieira (1886: 49) ao afirmar que são "dignos de grandíssimo louvor os trabalhos do sr. Joaquim Filippe Nery Delgado nas grutas de Cesareda e os que foram mandados fazer em varias cavernas por Carlos Ribeiro, a quem este paiz e a sciencia ficaram devendo serviços do mais transcendente valor […]". Para logo comentar, que "esses trabalhos são essencialmente monographicos, e comquanto forneçam elementos de grande alcance, consignem asserções e conceitos de utilíssimo aproveitamento, não podem pela sua índole, especialmente local, manifestar a feição geológica, paleontologica e archeologica que a sciencia reclama e exige ao território d'esta nação" (Vieira, 1886: 49-50).

O complexo de Muge é desde logo reconhecido como de grande importância para o entendimento da pré-história. Nas primeiras publicações, anteriores à definição da etapa cultural do Mesolítico, verificam-se diversas tentativas de enquadramento cronológico do núcleo de concheiros (Umbelino, 2006: 92). Como sintetiza esta autora, Ribeiro (1884: 288) considera-os no "início da época neolítica" enquanto Paula e Oliveira (1888-1892a *in* Umbelino, 2006: 92-93) lhes confere "um novo período cronológico, correspondente ao hiato entre o Paleolítico e Neolítico". Na actualidade continuam a acolher escavações e os materiais resgatados, mesmo em campanhas anteriores, são alvo de novas técnicas, designadamente para o estudo das dietas destas populações (Umbelino, 2006). O entendimento e o potencial deste sítio estão longe da sua plenitude.

É neste fervor que se procuravam evidências fósseis e arqueológicas e "quanto mais antiga[s] melhor" (Silva, 1996: 272). Surge assim um terreno fértil para o aparecimento do "Homem do Terciário" e a pesquisa dos seus vestígios em Portugal, alicerçado nos "éolitos" da região da Ota. Um dos protagonistas é Carlos Ribeiro (1813-1882), membro da Comissão de Trabalhos Geológicos fundada em 1848/9 (Santos, 2005: 74; Cardoso, 2006: 50), e reconfigurada em 1857, na Comissão Geológica de Portugal (Santos, 2005: 74). Outros nomes importantes, na emergência dos estudos pré-históricos em Portugal, são Nery Delgado, Pereira da Costa (Vasconcelos, 1933: 67) e Paula e Oliveira (*in* Rocha, 1995: 9).

Estácio da Veiga (1887: 465) reconhece o mérito das pesquisas efectuadas, designadamente por Carlos Ribeiro, ao mesmo tempo, afirma "[…] nunca me propuz emprehender a descoberta do homem terciário no Algarve […]".

Fruto do interesse da comunidade científica internacional, suscitado pela possibilidade de vestígios do "Homem no território português desde o Terciário", tendo em Carlos Ribeiro um empenhado defensor (Silva, 1996: 273), estavam reunidas as condições para Lisboa acolher, em 1880, o *9º Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica* que congregou delegações de 19 países.

As comunicações e o período de discussão foram transcritos para as actas do *Congrés International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques* que saíram a prelo em 1884. No contexto nacional, foi debatida a problemática do "Homem terciário" apresentada por Ribeiro. A Gruta da Furninha, em Peniche, foi relatada por Delgado e alguns depósitos superficiais do

Douro, classificados na "época quaternária" por Cabral e Vilanova. Para o neolítico são descritos, por Ribeiro, os *Kjökkenmöddinger* do vale do Tejo (Fonte do Padre Pedro e Cabeço da Arruda) e Paula e Oliveira compara os restos humanos de Muge, Casa da Moura, Carvalhal, Cascais e Vale de Areeiro. Do Minho, os monumentos megalíticos (Dólmen da Barrosa) e a estação de Santa Luzia foram relatados por Caldas. Sobre a "época do bronze" discorre Possidónio da Silva. Por último, agrupados sob a designação *Sujets divers* surgem *Os Lusitanos*, por Martins Sarmento, cultos peninsulares anteriores aos romanos, por Adolfo Coelho, e a descrição de Bemvinda, uma mulher com microcefalia, por Oliveira Feijão.

Para além da fulcral viagem à Ota, os congressistas visitaram Poço Velho, Cascais, e a Citânia de Briteiros, Braga. Na delegação Portuguesa encontrava-se Estácio da Veiga, como correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa (Congrés International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques, 1884). Fora do programa oficial, Veiga mostra aos visitantes o "Museu Archeologico do Algarve". Da visita e polémica subjacente recomenda-se a leitura de Veiga (1997a e b).

Nas sessões, e após o Congresso, o cepticismo mantém-se, sendo amplamente discutidos o "Homem Terciário" e a sua raça. G. Mortillet, arqueológo de renome à época, sugere a denominação de *Homosimius riberoi* para o fazedor da indústria lítica da Ota (Silva, 1996: 273), enquanto Veiga (1887: 477) se refere a *Anthropopithecus riberoi.* Posteriormente, a ideia esmorece, sendo de algum modo retomada, na década de 1920, por Mendes Côrrea (Silva, 1996: 274; Oliveira, 1997).

No quarto e último volume publicado por Estácio da Veiga (1891: 23-33), o autor discorre sobre a origem humana, recapitulando os achados e reafirmando que no quaternário já existiam populações na Europa, na Ásia, na África e na América.

Um dos temas que debate calorosamente é o do povoamento da Península Ibérica, afirmando que existiriam habitantes quer dolico quer braquicéfalos, e manifestações industriais mais antigas do que as presentes na Ásia. A hipótese do berço oriental da humanidade, na região do Cáucaso, é repetida, irónica e veementemente mas rejeitada (Veiga, 1891: 30; 1889: 192). Referindo que se esse é o "centro" de dispersão das "raças superiores", então, ainda houve outro, "d'onde partiram as raças inferiores" (Veiga, 1891: 24).

No terreno, as pesquisas de Estácio da Veiga revelavam monumentos considerados neolíticos e, em menor número, romanos. São debatidas as práticas funerárias e a sua evolução ao longo dos tempos. Refuta que a incineração tenha acompanhado os metalurgistas vindos do Oriente, considerando que no neolítico já existia em Portugal, e noutros países da Europa, fazendo um discurso patriótico acerca da antiguidade dos habitantes no território (Veiga, 1890: 385). De acordo com os dados actuais, inquestionavelmente a cremação era praticada no Mesolítico e no Neolítico, havendo uma tendência crescente "que culmina, já em finais da Idade do Bronze e durante a Idade do Ferro, no predomínio, em muitas partes da Europa" (*in* Silva, 2005: 3).

A antropologia funerária merece o comentário de Estácio da Veiga, conjecturando que "o homem neolithico, respirando pois n'um ambiente mais salutar do que tiveram os seus antecessores, pôde começar a desenvolver o seu condão intellectivo de um modo verdadeiramente assombroso. A crença religiosa […]. O affecto, o respeito e a veneração entre os homens da ultima idade da pedra, definem o seu estado de elevação moral" (Veiga, 1886: 113-114). O morto "era sepultado com os objectos que tinha possuido durante a vida, armas de guerra e de caça, instrumentos de trabalho, adornos e amuletos, etc" (Veiga, 1886: 114-115). Para Duarte (2003: 264) "a invenção do comportamento funerário deve ter surgido em paralelo com a conceptualização abstracta da morte e da falibilidade da vida".

3. O alvorar da Antropologia Física

Carolus Lineu, fundador do método classificatório (*Systema Naturae*, 1730), dividiu o género *Homo* em quatro espécies, uma por cada continente conhecido: *H. americanus* (vermelho), *H. europeus* (branco), *H. africanus* (preto) e *H. asiaticus* (amarelo) (Areia, 2004: 165). Quase três séculos passados, perderam-se apenas as espécies – cujo conceito genético atribui a indivíduos que se cruzam entre si e dão descendentes férteis – re-

sistindo o equívoco transformado, frequentemente, em quatro "raças".

Um outro entrecho da Antropologia refere-se ao crescente conhecimento da variabilidade humana resultante das *viagens philosophicas* dos naturalistas europeus, com particular incidência nos séculos XVIII e XIX. Há um descobrir de novos povos tão idênticos e tão diferentes dos europeus. Como se quantificam e hierarquizam estas dissemelhanças? Procuram-se dados para justificar a hierarquização dos povos. Na árvore evolutiva publicada por Ernst Haeckel (1874 *in* Gould, 1986), os africanos estão em ramo próximo ao do orangotango, do gorila e do chimpanzé.

Tudo servia para legitimar as ideias misóginas e racistas. Gustave Le Bon afirma, em 1879, que "nas raças mais inteligentes, como entre os Parisienses, existem numerosas mulheres cujos cérebros estão, em tamanho, mais perto do dos gorilas do que dos cérebros masculinos mais desenvolvidos" (*in* Gould, 1986: 174). Estes factos risíveis vingaram e alguns dos genocídios recentes - Bósnia, Ruanda, etc., - reflectem a ideia da superioridade, agora matizada pela designação de conflitos étnicos.

Nos séculos XIX e XX eram medidos crânios por todo o mundo. Paul Broca (1824-1880), cirurgião e antropólogo francês, funda a 19 Maio de 1859 a S*ociété d'Anthropologie de Paris*. Neste contexto, às vezes, apenas um indivíduo, histórico ou pré-histórico, bastava para representar um grupo. Estácio da Veiga (1890: 268) afirmava "[…] um só craneo não permite comparações […]".

Em Portugal começavam, também, os estudos de Antropologia Física. No tocante à história da disciplina existem vários trabalhos publicados (Tamagnini e Serra, 1942; Tamagnini, 1947; Cunha, 1982; Areia e Rocha, 1985; Guimarães, 1995; Lubell e Jackes, 1997; Oliveira, 1997; Cunha, 2002; Cardoso, 2006). Com grande influência da escola francesa, dominam as análises craniométricas, designadamente sobre a morfologia das "raças" humanas.

O médico Francisco Ferraz de Macedo (1845-1907), antigo aluno de Broca, é pioneiro em Portugal na organização de uma colecção osteológica identificada (Rocha, 1995; Cardoso, 2006: 50), representada por cerca de mil crânios e trezentos esqueletos, exumados de dois cemitérios de Lisboa (Cardoso, 2006: 51; 53-4) e, parcialmente, doados ao Museu Bocage (Cardoso, 2006: 54). Infelizmente, este valioso espólio perdeu-se no incêndio que deflagrou no edifício em 1978 (Rocha, 1995), resistindo "apenas cerca de 40 crânios […] entre outros elementos pós-cranianos dispersos (Cardoso, 2006: 54).

No século XIX "havia um certo número de estudiosos de Antropologia, principalmente da parte prehistórica, mas todos de formação autodidáctica" havendo terreno, portanto, para os estudos universitários (Tamagnini e Serra, 1942: 5) o que acontece, no ano de 1885, em Coimbra. Bernardino Luís Machado Guimarães (1851-1944) cria a disciplina *Anthropologia, Paleontologia Humana e Archeologia Préhistórica*, 8ª cadeira da Faculdade de Philosophia (Tamagnini, 1947: 5; Areia e Rocha, 1985: 13), apoiado pelo Museu de História Natural, no qual existia, desde o ano lectivo 1886/7, uma secção didáctica (Areia e Rocha, 1985: 14). Do programa leccionado pelo médico Henrique Teixeira Bastos (1861-1943), o primeiro professor de Antropologia (Tamagnini e Serra, 1942: 5), destacam-se os seguintes conteúdos: capacidade craniana, noção de raça em antropologia, monogenismo e poligenismo, formação e extinção das raças, "tradições dos primeiros povos" das idades da pedra, do bronze e do ferro (Areia e Rocha, 1985: 28-32). Através deste programa podem-se conhecer as tendências da época, e sobre elas, escreve Estácio da Veiga.

A criação da cadeira, segundo Tamagnini e Serra (1942: 4), "não correspondeu a um simples esfôrço individual, mas antes a uma quási necessidade proveniente da existência entre nós de brilhantes cultores da Antropologia", referindo os trabalhos sobre os esqueletos humanos no Cabeço da Arruda, em 1865, por Pereira da Costa que "pertencia com Carlos Ribeiro e Nery Delgado, à Comissão dos trabalhos geológicos". O ano de 1857 é referido por Leite de Vasconcelos (1933: 66) como o início do "estudo scientifico da Antropologia" em Portugal, afirmando que anteriormente apenas se efectuaram "observações avulsas, e em regra subjectivas, de médicos, corografos, historiadores, viajantes, etc., a respeito de caracteres físicos, fisiológicos (temperamento, compleissão), patológicos, e psíquicos".

No campo antropológico a grande discussão centrava-se na capacidade craniana e na antiguidade das formas braquicéfalas e dolicocéfalas, morfologias

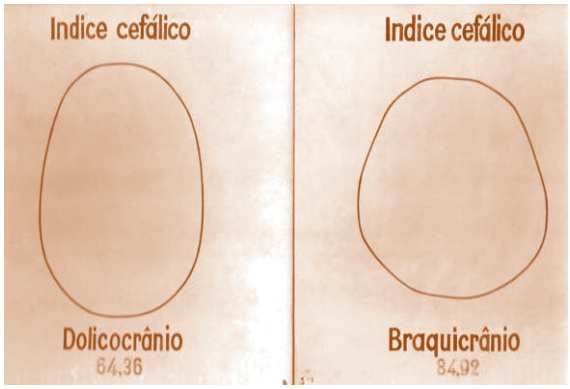

Fig.1 - Quadros representativos de um crânio alongado e outro curto, em vista superior, existentes na sala de Aula de Prática do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra.

visíveis na figura 1. O índice cefálico ou craniano é determinado pela razão entre a largura e o comprimento máximos, multiplicada por cem.

A tendência, ou mesmo moda, era a craniometria. Broca foi rapidamente considerado o maior craniometrista da altura. Estes estudos eram levados muito a sério. Após a morte de George Cuvier (1769-1832), considerado o Aristóteles da biologia francesa, fundador da paleontologia, Broca e os seus condiscípulos maravilhados com a sua "cabeça maciça" reúnem-se para dissecar o seu corpo e deliram com as dimensões do cérebro deste ilustre anatomista (Gold, 1986: 165). Obviamente que aos contestatários logo lhes era reparado que tinham cabeças pequenas. No meio da polémica, quando houve necessidade de confirmar alguns dados, era tarde demais, não tinham sido guardados. Na falta de material, estes sábios, voltaram-se para os cadernos dos chapeleiros. Eles também tinham as medidas das cabeças (Gold, 1986: 166).

Em Portugal, Ferraz de Macedo iniciou, em 1882, os estudos craniométricos (Vasconcelos, 1933: 67; Rocha, 1995) e Estácio da Veiga, usufruiu da colaboração do "mais abalisado anthropologo", para avaliar "os perímetros de calvariums, crânios e cabeças ósseas" dos habitantes das *Antiguidades Monumentaes do Algarve* (Veiga, 1889: 191).

Eram nuances como as representadas na figura 2 que hierarquizavam os povos. Presentemente, na era digital, impressiona a importância que era dada a pequenas diferenças obtidas na época do estereógrafo.

O trabalho comparativo de Ferraz de Macedo mostrava claramente a existência de todas as formas, da dolicocéfala à braquicéfala, na população actual. Veiga salienta, igualmente, a semelhança entre materiais de épocas distintas. Portanto, escreve, não fará sentido falar em braquicefalia vinda da Ásia e a explicação apresentada vai mais além "a superioridade ou inferioridade de uma raça ou de um indivíduo não se póde deduzir da capacidade craneana, nem mesmo, absolutamente, do índice cephalico". Acusando a escola romântica, declara que os feitos dos portugueses não se coadunam com fracas aptidões reveladas pelos índices. O compasso de espessuras não mede o índice deste povo heróico (Veiga, 1887: 511). Na sua visão vanguardista, opina "[o]ra, o característico da cubagem craneana creio eu que não passará muito tempo sem que seja inteiramente banido como pouco seguro nos seus resultados" (Veiga, 1887: 508). Pede mais estudos aos médicos e anatomistas, dizendo que este não é o seu campo (Veiga, 1887: 510).

Apesar de apresentar reservas quanto ao significado do índice cefálico, refere o prognatismo alveolar e dentário como "[…] geralmente frequente em raças inferiores" (Veiga, 1887: 511). Encarando, porém, com naturalidade os dados publicados em 1551, por Christovam de Oliveira, em que era contabilizado que os 100:000 habitantes de Lisboa incluíam 9:950 escravos, ou seja 10% da população (*in* Veiga, 1887: 501). Portanto, " […] a colonia negra e prognata se diffundiu em todo o reino, e que uma variedade mistiça, já começada com outros cruzamentos anteriores, deveria ter lentamente concorrido para a afeição actual da população portugueza" (Veiga, 1887: 501). As diversas "raças humanas" são analogamente derivadas de uma única unidade específica, discorrendo sobre o monogenismo e poligenismo (Veiga, 2006).

Às variações morfométricas eram atribuídas características comportamentais e morais, ainda na senda da frenologia de Gall. São referidas, por Bordier, arcadas supraciliares desenvolvidas como indicadoras de violência e ferocidade do carácter (Veiga, 1886: 149). Veiga ironiza "não me ocorreu n'aquella occasião [da escavação de Aljezur] investigar se também haveria o

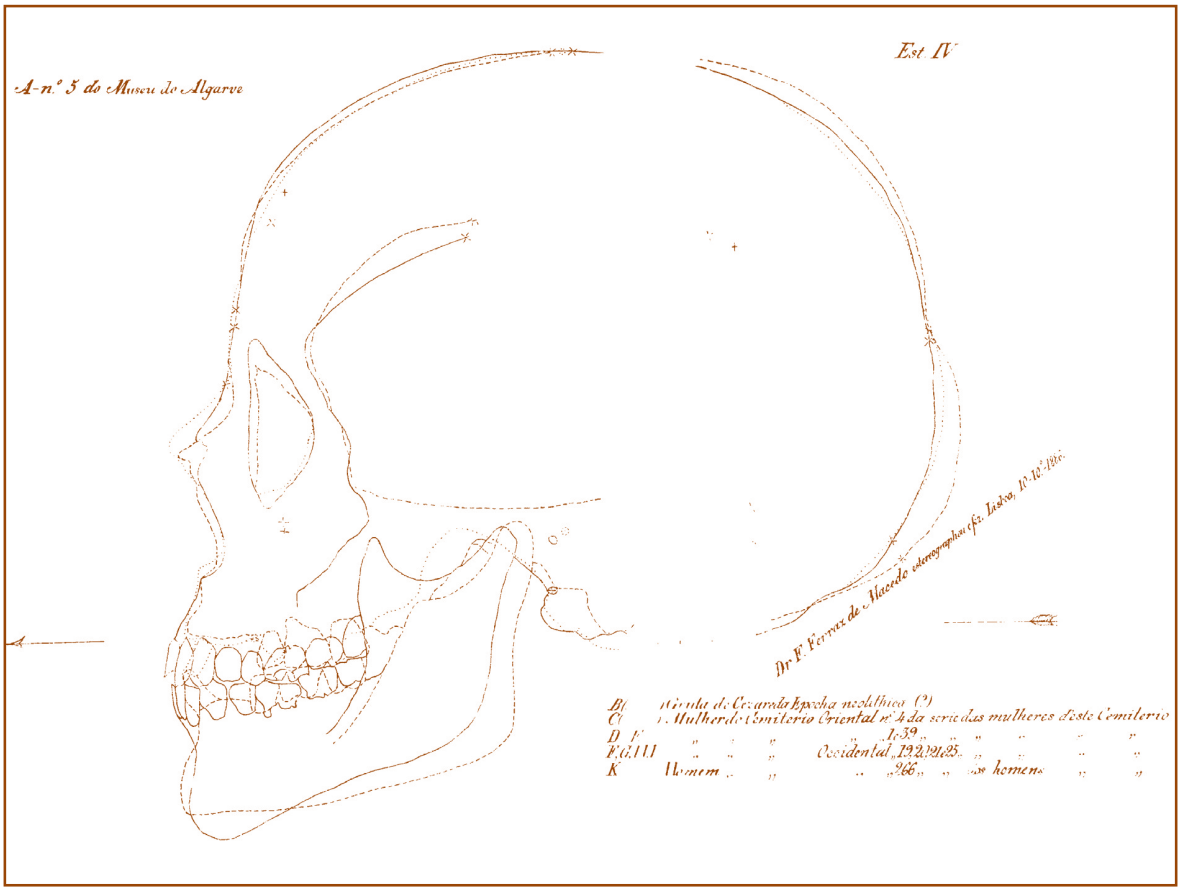

Fig. 2 - A imagem, produzida pelo estereógrafo de Ferraz de Macedo, representa os crânios provenientes da Gruta de Cesareda, Cemitérios de Lisboa e o número "5 do Museu do Algarve" (Veiga, 1887: Estampa IV).

mesmo característico de foracidade nos que esmagaram os cinco craneos do deposito".

Estas ideias provocaram inúmeros trabalhos meticulosos e, consequentemente, demoraram décadas para serem refutadas pelos especialistas na matéria.

Uma das características designadas por Veiga, (1886: 221) como "verdadeiramente prehistóricas" são os dentes "arrazados". Infelizmente este espólio não está ilustrado, pelo que fica por entender a sua, eventual, excepcionalidade ou exclusividade.

A actualização bibliográfica de Estácio da Veiga, é reiterada em afirmações como "fallecido com idade ainda vigorosa" ou morte "em plena mocidade", através da análise da obliteração das suturas cranianas (Veiga, 1886: 260-261).

Quanto ao esqueleto pós-craniano, identifica a abertura, perfuração ou fossa oleocraniana em úmeros de vários indivíduos de ambos os sexos e de sítios arqueológicos de cronologias distintas, comparando com estudos idênticos noutros países, para concluir que "[r]epito o que já disse: não me parecem características de raças, porque nunca achei exemplificada a sua uniformidade em deposito algum dos tempos prehistoricos". "[…] Estudem os homens competentes este assumpto, que por enquanto serve para auxiliar as theorias da evolução e do transformismo, sem comtudo se poder acceitar como sufficientemente esclarecido" (Veiga, 1889: 194). Actualmente esta variação morfológica é entendida como um carácter discreto.

Definitivamente a antropologia em Estácio da

Veiga não está esgotada. Outros aspectos, como a interpretação da platimeria dos ossos longos e das "deformações" cranianas, merecem novos estudos à luz dos conhecimentos actuais.

4. Comentários finais

As *Antiguidades Monumentaes do Algarve* retratam os primórdios da Antropologia e o enquadramento teórico da pluridisciplinaridade da investigação em paleoetnologia perpetrada, de forma actualizada e crítica, por Estácio da Veiga que cruza continentes através da produção científica contemporânea.

A vastidão temática propícia muitas leituras, pelo que o presente trabalho representa apenas um contributo. A obra de Estácio da Veiga completada em 2006, com o quinto volume lançado no *4º Encontro de Arqueologia do Algarve*, terá de continuar a ser analisada, designadamente, reunindo e reinterpretando o espólio osteológico humano resgatado ao longo da pesquisa que envolveu a elaboração da carta arqueológica do Algarve.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à organização do *4º Encontro de Arqueologia do Algarve* o convite que me foi endereçado, em particular, a Maria José Gonçalves pelo inestimável apoio e paciência, e a Ana Maria Silva e Cláudia Umbelino, docentes do Departamento de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Bibliografia

AREIA, M. L. R., (2004) – "Racismo, neo-racismo e anacronismo científico". In Gonçalves, A. C. (coord). Estados, poderes e identidades na África Subsariana. *O racismo, ontem e hoje*. Actas do VII Colóquio Internacional Estados, Poderes e Identidades na África Subsariana, 6-7 de Maio de 2004, Porto, Centro de Estudos Africanos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 159-167.

AREIA, M. L. R.; Rocha, M. A. T., (1985) – "O ensino da Antropologia". In *Cem anos de Antropologia em Coimbra*. Coimbra: Museu e Laboratório Antropológico, p. 13-60.

CARDOSO, H. F. V. (2006) – "Elementos para a história da Antropologia Biológica em Portugal: o contributo do Museu Bocage (Museu Nacional de História Natural, Lisboa)", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, p. 46 (1-4), 47-66.

CARDOSO, J. L.; Gradim, A. (2004) – "Estácio da Veiga e o reconhecimento arqueológico do Algarve: o concelho de Alcoutim", *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 22, p. 67-112.

CONGRÉS INTERNATIONAL D'ANTHROPOLOGIE ET D'ARCHÉOLOGIE PRÉHISTORIQUES. (1884) –"Compte Rendu de la Neuvième Session à Lisbonne 1880". Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências.

CUNHA, A. Xavier da (1982) – "Contribution à l´Histoire de l'Anthropologie Physique au Portugal", *Contribuições para o Estudo da Antropologia Portuguesa,* Coimbra, 11 (1), p. 5-56.

CUNHA, E. (2002) – "Antropologia Física e Paleoantropologia em Portugal: um balanço", *Arqueologia e História*, Lisboa, 54, p. 261-272.

DUARTE, C. (2003) – "Bioantropologia", *Trabalhos de Arqueologia*, Lisboa, 29, p. 263-296.

GOULD, S. J. (1986) – *O polegar do panda: reflexões sobre a história natural*. Lisboa: Gradiva.

GUIMARÃES, G. (1995) – "A Escola de Antropologia do Porto e os estudos Pré-históricos em Portugal", *Revista de Ciências Históricas*, 10, p. 59-78.

LUBELL, D.; Jackes, M. (1997) – "Portugal". In Spencer, F. (ed.), *History of Physical Anthropology: an encyclopedia*. London, Garland Publishing, Inc., p. 834-837.

OLIVEIRA, A. M. T. G. da S. (1997) – "O contributo da antropologia física em Portugal como ciência inter e transdisciplinar", *Revista de Guimarães*, Guimarães, 107, p. 243-283.

REBEYROL, Y. (1988) – *Lucy – crónicas da pré-história*. Mem Martins: Publicações Europa América.

ROCHA, M. A. (1995) – "Les collections osteólogiques humaines identifiés du Musée Anthropologique de l' Université de Coimbra", *Antropologia Portuguesa*, Coimbra, 13, p. 7-39.

SANTOS, A. L. (1995) – *Questões sobre a ancestralidade humana: o género Australopithecus*. Provas de Aptidão

Pedagógica e Capacidade Científica. Relatório da Aula Teórico-Prática. Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra.

SANTOS, G. D. dos (2005) – *A escola de Antropologia de Coimbra 1885-1950: o que significa seguir uma regra científica?* Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, Imprensa de Ciências Sociais.

SILVA, A. C. (1996) – "O "Homem Terciário" Português". In Raposo, L.; Silva, A. C., *A linguagem das coisas: ensaios e crónicas de arqueologia*. Lisboa: Publicações Europa-América, p. 272-276.

SILVA, F. C. (2005) – *Sinais de fogo: análise antropológica de restos ósseos cremados do Neolítico final/Calcolítico do tholos OP2b (Olival da Pega, Reguengos de Monsaraz)*. Dissertação de Mestrado em Evolução Humana. Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra.

SUSANNE, C. (1984) – *Sur les traces dês premiers hommes*. Bruxelas: Crédit Comunale.

TAMAGNINI, E. (1947) – *L' Anthropologie au Portugal.* Conferência efectuada na sede do Royal Anthropological Institute of Great Britain and Irland, em 18 de Abril de 1946. Coimbra: Tipografia da Atlântida.

TAMAGNINI, E.; Serra, J. A. (1942) – *Subsídios para a história da antropologia portuguesa*. Memória apresentada ao Congresso da Actividade Científica Portuguesa (Coimbra 1940). Coimbra: [s. n.].

UMBELINO, C. (2006) – *Outros sabores do passado: as análises de oligoelementos e de isótopos estáveis na reconstituição da dieta das comunidades humanas do Mesolítico Final e do Neolítico Final/Calcolítico do território Português*. Dissertação de Doutoramento em Antropologia. Departamento de Antropologia, Universidade de Coimbra.

VASCONCELOS, J. Leite de (1933) – *Etnografia Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.

VEIGA, M. L. S. A. E. (1997a). Estácio da Veiga, a carta arqueológica e o Museu do Algarve. In Barata, M. F.; Parreira, R. (eds.) *Sítios. Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa. Instituto Português do Património Arquitectónico, p. 21-43.

VEIGA, M. L. S. A. E. (1997b). Museu e conservação do património arqueológico móvel do Algarve. Estácio da Veiga, a carta arqueológica e o Museu do Algarve. In Barata, M. F.; Parreira, R. (eds.) *Sítios. Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa. Instituto Português do Património Arquitectónico, p. 71-86.

VEIGA, S. P. M. Estácio da (1886) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve: tempos prehistoricos.* Lisboa: Imprensa Nacional.

VEIGA, S. P. M. Estácio da (1887) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve: tempos prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VEIGA, S. P. M. Estácio da (1890) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve: tempos prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VEIGA, S. P. M. Estácio da (1891) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve: tempos prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VEIGA, S. P. M. Estácio da (2006) - *Antiguidades Monumentaes do Algarve: tempos prehistoricos*. Silves: Câmara Municipal de Silves.

VIEIRA, A. B. (1995) – *Ensaios sobre a evolução do homem e da linguagem*. Lisboa: Fim do século.